

“NOSSAS LEMBRANÇAS”: UMA POSSÍVEL LEITURA PELA PERSPECTIVA INTERCULTURAL

Ana Cristina Silva DAXENBERGER¹
 Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
Ana.daxenberger@academico.ufpb.br

Dayza Meiry Barreto SILVA²
 Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
dayza.barreto23@gmail.com

Jenifer ALEXANDRE³
 Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
jenifer.a.dias@gmail.com

RESUMO: O artigo tem por objetivo analisar, sob uma perspectiva intercultural, a obra “Nossas Lembranças”, de Rosivaldo Gomes de Sá Sobrinho. Partindo do contexto sociopolítico, marcado por retrocessos e reforços de padrões coloniais, reconhece-se a urgência de dar visibilidade às narrativas e culturas silenciadas historicamente. A investigação considera que a literatura é um artefato capaz de refletir as relações de poder, e que, por meio da memória, expressa formas de enfrentamento às violências simbólicas e estruturais. A pesquisa é qualitativa, de natureza aplicada e com caráter descritivo-analítico. Utiliza-se os pensamentos de Hall (1997, 2006) Freire (1996, 2001), Munanga (2012, 2022), Dussel (2000, 1980) e Gonzalez (1982), que contribuem para compreender os processos identitários, racismo e a centralidade da linguagem nas lutas por reconhecimento. A obra, ambientada entre 1920 e 1980, resgata aspectos da ancestralidade negra e das heranças culturais afro-brasileiras, revelando-se como espaços de denúncia e afirmação identitária, com vários artefatos culturais, que podem enriquecer a valorização intercultural.

PALAVRAS-CHAVE: literatura negra. ancestralidade. artefatos culturais.

“OUR MEMORIES”: A POSSIBLE READING FROM AN INTERCULTURAL PERSPECTIVE

ABSTRACT: The article aims to analyze, from an intercultural and decolonial perspective, the work “Nossas Lembranças”, by Rosivaldo Gomes de Sá Sobrinho. Starting from the sociopolitical context, marked by setbacks and reinforcements of colonial patterns, the urgent need to give visibility to historically silenced narratives and cultures is recognized. The research considers that literature is an artifact capable of reflecting power relations and that, through memory, it expresses ways of confronting symbolic and

¹ Doutora em Educação Escolar pela UNESP. Professora Associada IV da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Professora do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da UFPB. Membro do Neabi/UFPB.

² Mestranda em Letras no PPGL/UFPB. Licenciada em Letras Libras pela UFPB.

³ Mestranda em Biodiversidade, Bacharel e Licenciada em Ciências Biológicas da UFPB.

structural violence. The research is qualitative, of an applied nature and with a descriptive-analytical character. The ideas of Hall (1997, 2006) Freire (1996, 2001), Munanga (2012, 2022), Dussel (2000, 1980) e Gonzalez (1982) are used, which contribute to understanding identity processes, racism and the centrality of language in the struggles for recognition. Set between 1920 and 1980, the work rescues aspects of black ancestry and Afro-Brazilian cultural heritage, revealing itself as spaces for denunciation and identity affirmation, with various cultural artifacts that can enrich intercultural appreciation.

KEYWORDS: black literature. ancestry. cultural artifacts.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, com a polarização presente na sociedade brasileira, elementos da cultura branca, europeia, colonizadora, estão voltando em vozes que se identificam como o modelo social padrão e único aceitável para a sociedade brasileira. Entre esses elementos, a presença do racismo, da xenofobia, do preconceito linguístico tem ganhado campo nas redes midiáticas e sociais.

Compreende-se que tal cenário é inadmissível em pleno século XXI. Após tantos avanços conquistados, por meio de políticas de inclusão social, educacional e linguística, é inaceitável observar um retorno a padrões tidos como únicos e sustentáveis, utilizados como marcadores de poder e *status* social. Elias e Scotson (2000) caracterizariam esse movimento de dominação como a relação entre “os estabelecidos e os outsiders”, cuja tradução livre seria “os estabelecidos e os excluídos”.

Sendo assim, considera-se necessária uma discussão sobre a interculturalidade entre os grupos minoritários que foram silenciados ao longo do processo de colonização ocorrido no Brasil: povos indígenas e negros. Esta proposta está em consonância com o que determinam as Leis Federais 10.639/2003 e 11.645/2008, que alteraram a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº 9.394/96, ao tornar obrigatório o ensino da história da África e das culturas afro-brasileiras e indígenas no currículo escolar. Ressaltamos que, para tanto, é fundamental a construção de um currículo que considere a interculturalidade e

a decolonialidade como eixos fundantes das propostas educacionais (Ferreira e Silva, 2021).

Na contemporaneidade, em um mundo globalizado, também destacamos a necessidade de se entender que, mundialmente, as influências americanas e europeias ainda estão presentes em várias sociedades. Para muitos, essas influências podem trazer a valorização de elementos culturais como posição prestigiosa ou “*status*” de processo civilizatório em detrimento a diversas outras culturas e identidades.

Não obstante, salientamos que uma sociedade moderna aberta estará sempre em processo de construção de sua própria identidade, pois, para Munanga (2022, p. 118):

[...] as culturas são construções que se transformam constantemente ao interpretar experiências novas. O que torna artificial a busca de uma essência ou de uma alma nacional, ou ainda a redução de uma cultura a um código de condutas.

Sobre o Brasil, como Munanga (2022, p. 119) afirma, podemos afirmar que é [...] “um país que justamente nasceu do encontro das culturas e civilizações”, e precisa reconhecer a identidade brasileira que reúne os sujeitos:

[...] atravessados por outras identidades de classe, sexo, religião, etnias, gênero, idade, raça, etc., cuja expressão depende do contexto relacional. A identidade afro-brasileira ou identidade negra passa, necessária e absolutamente, pela negritude enquanto categoria sócio-histórica, e não biológica, e pela situação social do negro num universo racista.

A valorização das diversas culturas e o reconhecimento da identidade afro-brasileira possibilitam a construção do respeito ao sujeito formado ao sabor das relações e constituído no valor da multiculturalidade.

Na história brasileira, mesmo esses povos (negro/indígena) passando por um processo de acultramento, o processo de enfrentamento e resistência sempre existiu e podemos identificar isto na incorporação de elementos linguísticos destes povos na própria

língua portuguesa - LP. Nesse ínterim, consideramos urgente a necessidade de dar voz aos silenciados e valorizar suas culturas e identidades, valorizando a diversidade cultural linguística e o respeito às diferenças, como elementos fundantes de uma sociedade aberta e democrática que respeita os diferentes grupos sociais e histórias de vida.

Por entendermos que “a comunicação é uma necessidade básica da pessoa humana, do homem social” (Bordenave, 1982, p. 19), afirmamos que é por meio da valorização da interculturalidade linguística que podemos promover a quebra de paradigmas preconceituosos e discriminatórios. Partindo desse ponto de vista, segundo Bordenave (1986, p. 9):

[...] a comunicação é a força que dinamiza a vida das pessoas e das sociedades: a comunicação excita, ensina, vende, distraí, entusiasma, dá status, constrói mitos, destrói reputações, orienta, desorienta, faz rir, faz chorar, inspira, narcotiza, reduz a solidão e – num paradoxo digno de sua infinita versatilidade – produz até incomunicação (Bordenave, 1986, p. 9).

Por ser a língua um organismo vivo, em constante processo de evolução e transformação, muitos elementos linguísticos de grupos minoritários foram incorporados à língua oficial do país. Dessa forma, considerando os preceitos do decolonialismo e os fundamentos dos estudos culturais e linguísticos, a presente pesquisa tem como questão norteadora: como e quais elementos culturais afro-brasileiros estão presentes na obra “Nossas Lembranças”, produzida pelo escritor Rosivaldo Gomes de Sá Sobrinho?

Por isso, o objetivo geral é analisar, sob uma perspectiva intercultural a obra “Nossas Lembranças”, de Rosivaldo Gomes de Sá Sobrinho. E como objetivos específicos: investigar sobre a cultura afro-brasileira da obra supracitada, identificando o movimento de resistência e resiliência da população negra presente na obra; identificar os artefatos culturais afro-brasileiros, considerando como marcados linguístico, e as representações identitárias.

Esse artigo está organizado em cinco partes, além desta introdução, sendo elas: i) a revisão teórica, na qual discutimos os elementos sobre interculturalidade, identidade e artefatos culturais na literatura; ii) a metodologia, na qual descrevemos a tipificação da pesquisa, a abordagem dada e a base teórica de análise; iii) o retrato da obra, composta de uma apresentação sucinta da mesma; iv) a análise dos elementos discursivos sobre resistência, resiliência e cultura da população negra; iv) por último as considerações finais, na qual apontamos a importância da escrita literária que destaca e valoriza as vicissitudes negras.

2 VALORIZANDO A INTERCULTURALIDADE NA SOCIEDADE BRASILEIRA

Durante o processo de colonização do Brasil, feito pelos portugueses, a cultura europeia se estabeleceu e permanece presente até hoje na sociedade. Por meio do modelo escravocrata e baseado sobretudo, nas ideias racistas mais presentes no século XIX, os povos negros e indígenas precisaram se aculturar para poderem sobreviver ao triste processo de colonização e escravização (Gomes, 2019, 2021, 2022; Schwarcz, 1993).

Sua cultura e língua não era considerada, devendo eles aprenderem a língua portuguesa (língua do colonizador) para poderem sobreviver ao flagelo da escravidão. Todavia, como toda relação é pautada por meio da linguagem, elementos linguísticos negros e indígenas foram sendo agregados e considerados na comunicação entre os membros da sociedade à época da colonização.

Muitos vocábulos e elementos linguísticos dos povos africanos e indígenas passaram a ser parte da LP, os quais foram sendo agregados em seu vocabulário elementos da língua. Estes elementos são parte da identidade típica da LP brasileira, o que significa dizer que, mesmo sendo o Brasil um país lusófono, a utilização de termos e vocábulos

específicos na LP falada pelo brasileiro se diferencia, muitas vezes, no cotidiano de comunicação dos portugueses.

Estas marcas de identidade linguística proporcionam um caráter único à LP falada no Brasil, a qual traz elementos de interculturalidade entre a identidade europeia, a indígena e a africana. Entendemos por interculturalidade o pensamento que se refere à intersecção, trocas e relacionamentos entre diferentes culturas, de maneira a respeitar os elementos constitutivos de cada grupo étnico, sobre o qual estamos tratando.

Nesse pensamento, o respeito valoriza a diversidade cultural, linguística e busca promover a compreensão, valorização, respeito e diálogo entre os diferentes sujeitos no processo de interação social. Entendemos também que é nos diálogos e na comunicação que muitos dos elementos de força e poder mantêm a produção da exclusão, mas também o oposto é válido (Hall, 1997).

Quando os sujeitos passam a ter consciência da forma da palavra, da comunicação, a língua e a linguagem se tornam instrumentos de liberdade, de denúncia e enfrentamento. Sobre isso, Hall (1997) diz:

[...] a ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma, mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros (Hall, 1997, p. 16).

Hall (1997) destaca que é na esfera cultural que se travam as lutas por significação, permanência no espaço social e pertencimento. No contexto atual, com o fortalecimento das populações negra, indígena, torna-se imprescindível o reconhecimento de suas vozes e pensamentos, garantindo-lhes um lugar permanente na sociedade. Nesse mesmo pensamento, destacamos as ideias de Freire (2001) que propõe uma consciência crítica sobre a realidade e considera a importância de se conhecer os sujeitos com suas histórias, vivência e cultura, dando o direito de voz e luta pelos direitos sociais. Isso nos possibilita

fazer uma interligação ao pensamento de Hall (1997), para a qual destacamos como elementos de interculturalidade: o respeito à diversidade, ao diálogo e à comunicação entre os sujeitos, à aprendizagem mútua entre os sujeitos, à valorização das diferenças e, consequentemente, ao combate à discriminação, ao preconceito e ao racismo.

Pensar em proposta intercultural linguística traz possibilidade de valorizar os grupos minoritários, mantendo a identidade dos sujeitos e promovendo uma cultura de paz e valorização, quando se respeita a diversidade, a diferença e se aprende a tolerar e a reconhecer que temos elementos interculturais presentes em nosso cotidiano e em nossa língua, seja ela falada ou sinalizada (Freire, 1996, 2001; Hall, 1997). Com a interculturalidade se possibilita a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

Considerando o pensamento de Bennett (1998), a interculturalidade é uma abordagem que possibilita o desenvolvimento da competência intercultural, que significa a capacidade de os sujeitos interagirem, mesmo sendo de diferentes culturas, de maneira eficaz. Ele aponta elementos que, para alcançarmos a interculturalidade, precisamos sair da negligência cultural, enfrentar as amarguras do choque cultural e promover uma educação que valorize e aceite a diversidade, sendo capazes de se adaptar às diferentes culturas de maneira flexível, valorativa e eficaz.

Não obstante, destacamos também que a Unesco (2009), em seu documento “Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural” enfatizam a necessidade do diálogo intercultural e do respeito à diversidade, ressaltando a importância para o papel fundamental da língua que devemos levar em conta em todas as dimensões da comunicação intercultural.

Nesse contexto, tomando como referência os pensamentos de Hall (1997), Freire (1996, 2001), Bennett (1998) e da UNESCO (2009), este artigo organiza-se com o objetivo

de promover discussões acerca da interculturalidade na sociedade brasileira, evidenciando a identidade do povo e seus artefatos culturais. Consideramos artefatos culturais as produções presentes no cotidiano, que refletem e moldam valores essenciais para a formação do sujeito. De acordo com Santos (2022, p. 1), os artefatos culturais como:

[...] Livros, jornais, vídeos, reportagens, filmes, imagens, entre outros artefatos culturais, cada vez mais têm feito parte do nosso dia a dia. E estes circulam nos mais diferentes espaços sociais e culturais, criando, fabricando, (re)afirmando discursos acerca dos corpos, dos comportamentos, das formas de ser e estar no contexto social e cultural ao qual estamos imersos. [...]

Por esse motivo, entender como os artefatos sociais se fazem presentes na literatura, nos possibilita também compreender as relações de poder, de submissão ou resistência de povos silenciados e não valorizados em nossa sociedade. Nesse sentido, também destacamos que os artefatos culturais não são neutros, mas apresentam uma ideologia social marcando uma época (Freire, 1996, 2001; Hall, 1997; Santos, 2022). Por isso, concordamos com Santos sobre a importância de se estudar sobre os artefatos culturais, sobretudo na literatura.

É importante destacar que esses elementos, segundo Foucault (2004, 1979), podem revelar uma relação intrínseca de poder, que tende a se perpetuar. Elias e Scotson (2000) chamam essa dinâmica de manutenção da sociedade por meio da relação entre os estabelecidos e os *outsiders*. Contudo, quando analisados sob uma perspectiva crítica, esses elementos também podem representar uma ética de libertação, baseada na alteridade em relação à identidade do outro, conforme os pensamentos de Dussel (2000, 1980).

Nesse cenário, é fundamental reconhecer a força das vozes que se insurgem por meio da literatura, como propõe Evaristo (2009), ao refletir sobre a constituição de um *corpus* literário marcado pela subjetividade da experiência negra na sociedade brasileira. A autora afirma:

Esse corpus se constituiria como uma produção escrita marcada por uma subjetividade construída, experimentada, vivenciada a partir da condição de homens negros e de mulheres negras na sociedade brasileira. Contudo, há estudiosos, leitores e mesmo escritores afrodescendentes que negam a existência de uma literatura afro-brasileira. (Evaristo, 2009, p. 17)

Sua prática como escritora e pesquisadora a leva a afirmar não apenas essa existência, mas também a emergência de uma vertente negra feminina. Essa produção textual, muitas vezes invisibilizada, carrega implicações estéticas e ideológicas próprias, revelando modos singulares de narrar, sentir e pensar o mundo. Assim, os textos literários negros atuam como artefatos culturais potentes, questionando a hegemonia, afirmado identidades e promovendo a reconfiguração de discursos historicamente impostos.

Sobre a leitura na perspectiva intercultural, Morgado e Pires (2010) trazem, por meio de sua pesquisa, a construção de um método de análise de obras literárias para o programa nacional de livros nas escolas, estimulado pelo governo de Portugal. As pesquisadoras consideram três aspectos para a seleção de obras para uma educação intercultural, são eles: i) Inclusão: da identificação étnico-racial dos personagens na história; ii) Representação: do espaço como elemento importante para entender o desenvolvimento de identidades étnico-raciais ou de grupos minoritários; iii) Análise: de como as relações com a diversidade (entre personagens e em espaços) são configuradas. As pesquisadoras ainda descrevem que há três níveis para análise e escolha de obras para se trabalhar com a interculturalidade: a) nível i: refere-se ao conceito de literatura, no qual elas consideram, sobre o valor e funções pedagógicos dos livros, a relação entre o sistema cultural/ educativo, os papéis sociais presentes na obra, diferentes valores sociais, como democracia, migração, pobreza, cultura, ambiente, local, conflitos, e a narrativa que valoriza a diversidade social e humana; b) nível ii: refere-se aos aspectos individuais da obra, que podem trazer aspectos sobre os elementos ficcionais, de profundidade psicológica, de vozes diversas nas mais variadas narrativas ou singulares, presença de

incertezas e ambivalências, construção de narrativas com finais abertos, experimentação com forma de metaficação narrativas, além de intertextualidades que cruzam múltiplas culturas; c) nível iii: modo de leitura intrinsecamente ligado à interculturalidade, com respeito e valorização do outro (alteridade) e que possibilite a elaboração de propostas pedagógicas em torno da diversidade social/humana, com profundidade de análise. Vale destacar que, para se trabalhar e analisar obras africanas em LP, as pesquisadoras, ainda, apresentam três eixos: processo de identificação étnico-racial das personagens; configuração da diversidade, por meio de característica física e psicológicas das personagens, e suas relações; e configuração da diversidade por intermédio da presença/ausência de características diversas e a manifestação nas interações entre as personagens e em relação aos espaços físicos socioculturais em que estão presentes no texto.

3 PROCESSO METODOLÓGICO DE ANÁLISE

As escolhas metodológicas deste estudo estão alicerçadas pela pesquisa de abordagem qualitativa, com natureza aplicada e cunho descritivo analítico. De acordo com Rodrigues (2007, p. 9), a pesquisa qualitativa pode ser entendida como “a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo da pesquisa”. Com base nisso, o presente estudo busca fomentar a discussão acerca dos artefatos culturais e valorizar a ancestralidade brasileira por meio da análise descritiva da obra “Nossas Lembranças”, do autor Sá Sobrinho.

Referente à natureza da pesquisa aplicada, Gerhardt e Silveira (2009, p. 35) afirmam que ela “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos”. Envolve verdades e interesses locais”. Por meio da análise descritiva, é possível evidenciar a construção do conhecimento ao incorporar as

perspectivas dessas autoras em diálogo com outros pesquisadores. Sobre a análise descritiva da obra, Rodrigues (2007, p. 8) a define como uma pesquisa que “proporciona maior familiaridade com o problema”.

Posto isso, utilizaram-se os fundamentos críticos de Hall (1997, 2006), que destaca o conceito de identidade negra e suas múltiplas construções, valorizando e respeitando a diversidade cultural. Também foram consideradas as contribuições de Munanga (2012, 2022), que direciona suas pesquisas para o combate ao racismo e para a busca pelo reconhecimento das culturas africanas, defendendo a interculturalidade como ferramenta para enfrentar processos de exclusão. Além disso, as ideias de Freire (2001) sustentam a importância do diálogo, do respeito às diferentes culturas e da consciência crítica como caminhos para romper desigualdades sociais e ampliar a compreensão de mundo.

Gomes (2019, 2021, 2022) apresenta o contexto histórico da escravidão no Brasil e seus impactos na exclusão social, que resultam em desigualdades persistentes. A autora Gonzalez (1982), reconhecida na defesa dos direitos das mulheres no Brasil e na luta antirracista, enfatiza o reconhecimento das culturas negras e a valorização da diversidade cultural. Por fim, os pensamentos de Dussel (2000, 1980) sobre a ética da libertação são fundamentais para compreender a superação da irracionalidade moderna e da exclusão social como parte do processo civilizatório, quebrando estruturas sistêmicas que geram vítimas, exploração e desigualdade. E Morgado e Pires (2010), ao lemos a obra em uma perspectiva intercultural.

4 O RETRATO DA OBRA

“Nossas Lembranças”, obra de Rosivaldo Gomes de Sá Sobrinho publicada pela editora Viseu em janeiro de 2023, narra fatos históricos e familiares que atravessam boa parte do século XX. A história acompanha a trajetória de uma família ao longo de três

gerações, abrangendo o período entre 1920 e 1980. A cronologia da obra mistura a história pessoal da família com os eventos políticos e sociais do Brasil, mostrando como as memórias individuais são influenciadas pelo contexto coletivo (Hall, 1997). Com um tom romântico, o livro leva o leitor até a charmosa cidade de Itacaré, no sul da Bahia, por meio de memórias que se tornam vivas e revelam a presença da cultura brasileira, sobretudo, a africanidade, tanto nos personagens quanto na construção da narrativa.

Segundo o autor, o objetivo da escrita do livro foi homenagear a cidade tão amada por ele, valorizando a cultura afro-brasileira, o seu povo, majoritariamente negro (preto/as e pardos/as) e, sobretudo, a ancestralidade com lembranças históricas que merecem respeito e demonstram a resistência e a resiliência do povo Itacareense. Esses elementos apresentados pelo autor comungam com as ideias de Hall (1997), ao considerar a formação da cultural de um povo e dos pensamentos; e de Munanga (2022, 2012), ao se considerar que o povo brasileiro é majoritariamente negro em sua ancestralidade.

Negar suas próprias raízes é, na verdade, negar a si mesmo. Para romper as correntes deixadas pela colonização, o reconhecimento do sujeito e da sua história é fundamental para construir uma ética voltada à libertação (Dussel, 1980, 2000). Nesse contexto, a leitura da obra “Nossas Lembranças”, sob a perspectiva intercultural, nos ajuda a compreender as marcas de resistência e resiliência do povo negro brasileiro, assim como a presença da cultura afro-brasileira ao longo do texto.

A narrativa acompanha a trajetória de Francisco, desde sua juventude no interior da Bahia até a formação de sua família e os desafios enfrentados ao longo das décadas. Ambientada em um período marcado por transformações políticas e sociais, a história retrata o fortalecimento de laços familiares e o investimento na educação como forma de superação. A caminhada dos personagens atravessa momentos de repressão e resistência, culminando em um cenário de renovação e esperança com a redemocratização do país.

Assim, embora o livro seja uma literatura fictícia, ele se baseia em fatos que poderiam ser identificados como reais em diferentes regiões do país, principalmente no que diz respeito aos interesses políticos, desigualdade social, racismo e a vida proletária. Alguns personagens e acontecimentos refletem a imaginação e subjetividade do autor, mas é possível perceber que a obra traz elementos intrínsecos que marcam a irracionalidade da modernidade (Dussel, 1980, 2000) ao não se reconhecer elementos constitutivos do ser, do Outro.

A ideia de subjetividade não é individual, mas se junta com os ideais de uma comunidade/sociedade. Segundo Oliveira e Dias (2012, p. 98), ao apresentar a ética da libertação em Dussel, afirma que:

A razão crítica em Dussel permite o (auto)reconhecimento das vítimas do sistema-mundo (dominados: operários, índios, escravos etc.; e discriminados: mulheres, idosos, incapacitados, imigrantes etc.), bem como o descobrimento de suas alteridades e autonomias, negadas pelo sistema-mundo vigente [...]

Reconhecer o mito da modernidade em Dussel (1980) possibilita identificar a negação do Outro e sua cultura, apresentando-o como subalterno, culpado de sua condição, sujeito à violência, e negada a sua cultura, a qual deve ser melhorada e aperfeiçoada em um processo civilizatório imbuído de valores morais. “*Nossas lembranças*” traz elementos históricos, culturais e políticos que demonstram como a população negra foi explorada, silenciada, e desprovida do amparo do Estado, sujeita às condições de discriminação e, colocado à vulnerabilidade social na contemporaneidade.

Esse gênero textual possibilita que, por meio da escrita literária, possamos explorar cenários que frequentemente se inspiram na realidade brasileira, e oferta ao leitor mais crítico o entendimento de valores do branqueamento social brasileiro, da estrutura social criticada por Elias e Scotson (2000) e na relação do poder de Foucault (1979).

Além do personagem central, Francisco, a narrativa traz outros personagens importantes, como a sua esposa Conceição, o casal formado por Angélica e Inácio, e Sebastiana. Inicialmente, aborda-se o pai de Francisco, que adquiriu uma propriedade de uma pessoa considerada caloteira, pagando por ela uma vida inteira dedicada ao trabalho na terra, em condições que se assemelham ao trabalho escravo. Essas situações eram comuns no Brasil da época, apesar de a legislação que regula a obrigatoriedade da escrituração pública está prevista pela Lei de Terras de 1850, na qual afirma que só é proprietário de terras aquele que as registre com comprovação de pagamento pelas mesmas. E sobre o trabalho escravo, temos a abolição em 1888. Hodiernamente, na atualidade, sobre o registro de imóveis temos a Lei nº 10.406/2002 — Código Civil, que no artigo 108 traz os preceitos obrigatórios sobre o registro de imóveis presentes da Constituição Federal (1988), a qual também proíbe expressamente o trabalho desumano (artigo 5º, inciso III, Brasil, 1988).

A história prossegue com Francisco e Conceição, casal que enfrenta uma vida marcada por desafios, nos quais Francisco é retratado como um homem lutador e injustamente perseguido. Ao lado deles, destaca-se Inácio, sambista negro, casado com Angélica, cuja beleza é exaltada por ele. Em 1968, Inácio é preso pelo regime militar, vivenciando violências comuns a muitos na época. Angélica, por sua vez, convive com a dor e a incerteza provocadas pelo desaparecimento do marido, expressando o sofrimento de tantas mulheres durante a ditadura.

No tocante à resistência das mulheres negras, os primeiros movimentos de luta surgiram nos quilombos. “As mulheres foram figuras importantes para a estruturação de quilombos, assim como na sua organização política e no desenvolvimento de resistências nos mesmos. [...]” (Cisne; Ianael, 2022, p. 198). Desde então, as mulheres se tornaram protagonistas de lutas em combate ao racismo, exclusão, preconceito e machismo,

buscando respeito e valorização da identidade afro-brasileira (Gonzalez, 1982), construindo assim uma história de lutas por direitos igualitários e justiça social.

Portanto, vale evidenciar as personagens femininas na literatura, pois rompem com estereótipos de gênero, ocupando espaço da arte e da resistência através da cultura, como também dos saberes ancestrais de cura, cuidado e afeto. Dito isso, a personagem Dona Joana é uma guardiã dos saberes tradicionais no uso de ervas medicinais, rezas e formas de acolhimento, como símbolo de passado, presente e futuro, caracterizados na ancestralidade feminina.

A personagem Sebastiana, mulher à frente do seu tempo que, ao longo da história, mostra-se quebrando de padrões impostos pela sociedade de opressão às mulheres, demonstrando força, garra e autonomia, rompendo com estereótipos de gênero, se expressando na arte como na resistência através do samba.

Pode-se descrever, também, a resistência feminina por meio da arte através da capoeira. Em um dos capítulos da obra, intitulado “Quem disse que a menina não é capoeira?”, a personagem Bárbara, filha de Francisco e Conceição, revela sua relação com essa prática ancestral, enfrentando o preconceito de gênero presente no grupo em que participava. Como é narrado:

Nem a mãe nem o pai sabiam, mas Bárbara já jogava capoeira fazia tempo. Só que agora ela queria dizer para eles. No grupo tinha apenas duas meninas e os meninos achavam que elas eram mais fracas, que não aguentavam o jogo. Isso a incomodava muito, e a forma que escolheu para enfrentar os desafios foi iniciar de casa. Não havia nada a esconder se era o que ela queria (Sobrinho, 2023, p. 173).

Os personagens construídos por Sá Sobrinho refletem nossa ancestralidade brasileira, histórias que por vezes já conhecemos na vivência do cotidiano, mas com personagens diferentes. A identidade é construída através das experiências sociais, culturais e políticas (Hall, 2006), especialmente a identidade negra no nosso país, que

perpassa o silenciamento histórico e se mostra persistente. À vista disso, os personagens são apresentados e podem ser identificados como negros no enredo da história, através das memórias, trazendo consigo o protagonismo de lutas contra o racismo secular e a resistência permanente (Munanga, 2012).

5 ANÁLISE DOS ELEMENTOS CULTURAIS PRESENTES EM “NOSSAS LEMBRANÇAS”

A literatura negra no Brasil tem se consolidado, com o passar das décadas, como um território fértil onde memória, identidade e resistência se entrelaçam em narrativas potentes. Como nos ensina Conceição Evaristo, essa literatura se consolidado naquilo que a escrita não é apenas um registro de histórias, mas um testemunho vivo de experiências reais. Ao iniciar “Nossas Lembranças”, Rosivaldo Gomes de Sá Sobrinho oferece ao leitor um vislumbre sensível de sua infância marcada pela imaginação. O autor relembra como sempre foi percebido como alguém que vivia entre a realidade e o sonho, sendo chamado de “sonhador” por seus professores, que muitas vezes o despertavam das histórias que sua mente criava.

Ele relata

O que posso dizer de mim é que, desde a infância, me tornei conhecido como um sonhador. Era assim chamado até pelos professores das escolas. Às vezes me despertavam aos gritos em plena sala. Mas o que eu poderia fazer? Eu via e ouvia as histórias, interagia com elas, não tenho culpa se os outros não conseguiam ver. Levei muito tempo para entender que o meu mundo era um mundo paralelo. O que para os outros era mera fantasia, para mim era realidade e pronto (Sobrinho, 2023, p. 5).

Essa introdução prepara o leitor para a forte presença de memórias afetivas e culturais que atravessam toda a narrativa.

Na cultura, é importante destacar a presença de artefatos culturais, sejam eles objetos, símbolos, práticas e saberes que carregam significados e valores de uma

comunidade, transmitindo sua história, identidade e forma de ver o mundo. Esses artefatos não são apenas vestígios do passado, mas elementos vivos, como em “Nossas Lembranças”. Tais artefatos aparecem nas práticas tradicionais relacionadas ao uso de ervas medicinais, rezas e formas de acolhimento, especialmente por meio da personagem passageira, a Dona Joana. Esses elementos representam uma religiosidade popular profundamente enraizada na ancestralidade africana, que resiste ao tempo e se mantém como força vital para a identidade do povo itacareense.

Sob essa perspectiva, é possível compreender a narrativa também à luz da reflexão de Hall (1997), que destaca como os significados não emergem diretamente da realidade, mas sim dos sistemas simbólicos e linguísticos que organizam nossa compreensão do mundo. A linguagem, nesse sentido, não apenas representa a realidade, mas a constitui por meio de classificações e discursos culturalmente situados. Assim, o que consideramos “fatos naturais” também são, em parte, construções discursivas. Isso se conecta à estrutura da obra de Rosivaldo, em que a memória e a ancestralidade ganham forma por meio da linguagem literária, própria de um sistema cultural.

Assim, ao longo da obra, tanto por meio dos personagens principais quanto daqueles que surgem pontualmente, a exemplo de Dona Joana, a narrativa não se limita a apenas memória individual ou a apenas denúncia histórica. Ela também celebra a ancestralidade como fonte de cura, espiritualidade e sabedoria. A literatura, nesse contexto, torna-se instrumento de reconexão com saberes muitas vezes silenciados, mas que ainda hoje moldam o cotidiano das comunidades por gerações.

Munanga (2022) reflete que o reconhecimento das identidades e das diferenças dos afrodescendentes, em toda a diáspora africana, é uma questão de justiça social e de direitos coletivos. Essa valorização das raízes africanas se manifesta na literatura negra, inclusive na ficção, que carrega em sua essência experiências reais e memórias coletivas. Em

“Nossas Lembranças”, esses elementos culturais aparecem com intensidade, sobretudo, por meio de práticas como o samba, que se configura como espaço de liberdade, união e afirmação identitária.

O autor descreve que “os corpos embalados pelo ritmo, encantava a todos, parecendo estarem em estado de transe coletivo [...]. No samba as diferenças sociais e raciais eram superadas. O ritmo é africano, e os pretos são majoritários” (Sobrinho, 2023, p. 110). A dança, acompanhada pelo ritmo ancestral, assume um papel central na coletividade, evocando pertencimento e resistência.

Essa potência do samba enquanto prática cultural negra é também destacada por Viecili e Vieira (2023), que analisam como o samba passou de expressão marginalizada pelas elites a um elemento estruturante da identidade nacional brasileira. Os autores ressaltam que a fusão de heranças africanas e europeias modelou um “corpo-samba” marcado por singularidades que se enraizaram no imaginário coletivo do país, transformando essa manifestação em símbolo de brasiliade.

Além da musicalidade, a obra também valoriza outras expressões culturais afro-brasileiras, como a oralidade e a culinária. Em um momento de descontração e partilha, o autor narra: “entre uma pinga e outra, até que a moqueca estivesse pronta, os amigos resolveram puxar um samba de embolada” (Sobrinho, 2023, p. 139). A comida tradicional, como a moqueca, e a música que envolve todos os presentes em versos improvisados, reforçam laços de afeto e ancestralidade. Esses trechos evidenciam como a obra articula práticas culturais negras, como o samba, a dança e a comida, para reconstruir uma memória coletiva de pertencimento, união e resistência frente às marcas deixadas pela diáspora.

Diante de toda a construção narrativa de “Nossas Lembranças”, torna-se evidente a permanência e a valorização de diversos elementos culturais de matriz africana que, ainda

hoje, moldam a vida cotidiana da sociedade brasileira. Saberes ancestrais ligados ao uso de ervas medicinais, rezas, acolhimento e cura resistem como práticas comunitárias herdadas de tradições africanas.

A oralidade expressa nas rimas do samba e na dança em um espaço de igualdade e liberdade, a culinária afro-brasileira com seus temperos afetivos, como a moqueca, e a capoeira são exemplos de manifestações ancestrais que ultrapassam o texto literário e se afirmam no presente como traços vivos da contribuição dos povos negros para a formação cultural do Brasil. Assim, a obra de Sá Sobrinho reflete como um espelho da memória coletiva, reafirmando a importância de reconhecer, valorizar e continuar transmitindo esses saberes que sustentam a identidade de um povo.

Na obra, o trabalho é apresentado como elemento de identidade e de construção coletiva, ora valorizado como oportunidade de participação na abertura da estrada entre Itacaré e Taboquinhas, ora retratado em condições que remetem à exploração. Essa dimensão prática do trabalho, associada à aquisição de saberes pela vivência, dialoga com as ideias de Freire (1996) sobre a construção do conhecimento, ao mesmo tempo em que evidencia práticas que ferem o direito à liberdade, expondo situações de violação e degradação.

Por fim, destacamos "A história não tem fim, tem recomeços", título do último capítulo da obra, a última página do livro. Nela o leitor encerra sua travessia por “Nossas Lembranças”, ancorada na literatura de resiliência e na africanidade. Nesse desfecho, o autor descreve um cenário de continuidade e cuidado familiar, mesmo diante das transformações inevitáveis da vida e do espaço social. Afinal: [...] “A cidade se modificava, como eles nunca imaginaram que seria” (Sobrinho, 2023, p. 239).

Ao ler e analisarmos a obra “Nossas Lembranças”, podemos afirmar que, ao se trabalhar obras negras com o olhar crítico para a promoção da valorização da

interculturalidade presente em nossa sociedade, o professor/escola, como sujeitos formadores, pode ampliar à cultura e os conhecimentos sobre os diferentes povos que fundaram e construíram nosso país. Como Bennett (1998) afirma: trabalhar para a promoção da interculturalidade perpassa diferentes fases do sujeito até compreender que há culturas e que podemos viver e conviver valorizando-as no sentido mais amplo do reconhecimento da diversidade humana.

Nesse sentido, ratificamos as ideias de Santos (2022, p. 3) que trata sobre a possibilidade de se trabalhar a “construção de sentidos e significação por meio dos artefatos culturais, um recurso que vem sendo representativo para a compreensão, problematização e ampliação da (des)construção das pedagogias culturais” por meio do letramento. E porque não dizer do letramento racial por meio da literatura como enfrentamento ao racismo, discriminação e a superação da desigualdade.

Tal perspectiva dialoga diretamente com Evaristo (2009), ao afirmar que a literatura afro-brasileira se ancora na valorização da identidade negra, destacando traços, memórias e práticas culturais herdadas de matrizes africanas como forma de resistência. Para a autora, personagens negros são apresentados não mais de maneira estereotipada ou invisível, mas como figuras que revelam positivamente suas origens e fortalecem as memórias africanas incorporadas à cultura popular brasileira.

Ao fazer a leitura da obra “Nossas Lembranças”, podemos identificar a dialética desenhada no enredo que traz elementos étnico-raciais exigidos nas pesquisas de Morgado e Pires (2010) para a seleção de obras na perspectiva de uma educação intercultural por carregar elementos de identidade negra e artefatos culturais, assim como na trama do enredo que valoriza a cultura afro-brasileira. Percebemos os elementos fantásticos presentes em toda a narrativa com demonstração de mitos e tradições do povo negro, assim como uma sensibilidade intercultural de dar vozes ao povo negro por meio dos

personagens construídos com uma força icônica forjada na luta e no movimento da comunidade que viveu e vive em um local marcado pelo processo de colonização: Itacaré.

A obra “Nossas Lembranças” atende aos elementos apresentados por Morgado e Pires (2010): i) Inclusão: da identificação étnico-racial dos personagens na história; ii) Representação: do espaço como elemento importante para entender o desenvolvimento de identidades étnico-raciais ou de grupos minoritários; iii) Análise: de como as relações com a diversidade (entre personagens e em espaços) são configuradas. Assim como se espera nas pesquisas de Morgado e Pires (2010) sobre possíveis obras que possibilitam a leitura intercultural, Sá Sobrinho conclui a obra com o desfecho aberto, possibilitando ao leitor o desejo de novas narrativas sobre a família apresentada na obra.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a leitura e análise da obra “Nossas Lembranças”, de Sá Sobrinho, com o propósito de identificar e compreender os elementos culturais afro-brasileiros presentes na narrativa, é possível afirmar que o livro evidencia, de forma marcante, aspectos da identidade afro-brasileira, permeados por símbolos de resistência, luta e diversos artefatos culturais que reforçam essa herança.

Ao se propor a leitura da obra supracitada, o professor/escola poderá favorecer a desconstrução do preconceito, da discriminação racial, bem como de padrões impostos pela sociedade, fortalecendo as identidades marginalizadas e valorizando as expressões culturais e identitárias. Isso pode ocorrer com diálogo diretamente com o objetivo dessa escrita que buscou investigar sobre a cultura afro-brasileira da obra “Nossas Lembranças”, identificando o movimento de resistência e resiliência da população negra presente na obra, considerando o valor linguístico, e as representações identitárias.

A partir da análise descritiva da obra, percebeu-se a relevância do debate acerca do resgate histórico e da vivência da população negra. Ao retratar as trajetórias dos personagens carregados de lutas e conquistas, podemos explorar os artefatos culturais presentes na obra que fazem parte de nossa história, fortalecendo a valorização intercultural e possibilitando ampliação de conhecimentos sobre a diversidade. Ademais, podemos afirmar que estudos como este abre espaço para novas investigações acerca do trabalho com a literatura como promoção da construção de afirmação de identidade e construção de novas relações sociais, as quais valorizam o ser, a memória e a ancestralidade.

REFERÊNCIAS

BENNETT, Milton J. **Basic Concepts of Intercultural Communication: Selected Readings**. Intercultural Press, 1998.

BRASIL. **Constituição Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. **Lei nº 10.406**, de 10 de janeiro de 2002. Institui o Código Civil. Art. 108.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394**. Brasília: Senado, 1996.

BRASIL. **Lei 10.639**, que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília: Senado, 2003.

BRASIL. **Lei 11.645**, que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, Brasília: Senado, 2005.

CISNE, Mirla; IANAEI, Fernanda. Vozes de resistência no Brasil colonial: o protagonismo de mulheres negras. **Revista Katálysis**, v. 25, n. 2, p. 191-201, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/nNM94v6fvD9nJSydRqCJvmK/>. Acesso em: 23 de jun. de 2025.

DUSSEL, Enrique. **Ética da Libertação**: crítica à ideologia da exclusão. Trad. George I. Massiat. São Paulo: Paulus, 2000.

DUSSEL, Enrique. **Para uma ética da libertação latino-americana:** acesso ao ponto de partida da ética. São Paulo: Loyola, 1980. v. 1.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders:** sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivências:** identidade, gênero e violência na literatura brasileira. São Paulo: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra:** uma poética de nossa afro-brasilidade. Scripta, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.

FERREIRA, Michele Guerreiro, SILVA, Janse Felipe. Currículo e educação das relações étnico-raciais: elementos para a construção de praxia curriculares antirracista. In: RODRIGUES, Ana Claudia da Silva, ALBIN, Angela Cristina Alvez, SÜSSEKIND, Maria Luiza. **Democracia, educação e políticas curriculares nas pesquisas com currículo.** João Pessoa: Editora UFPB, 2020, p.247

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Por uma vida não fascista.** Sabotagem, 2004.

FREIRE, Paulo. **A sombra desta mangueira.** São Paulo: Terra e Paz, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática docente. São Paulo: Terra e Paz, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** São Paulo: Terra e Paz, 2001.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa.** Plageder, 2009. Disponível em: <https://encurtador.com.br/nDSyt>. Acesso em: 25 de jun. de 2025.

GOMES, Laurentino. Escravidão: Da corrida do ouro em Minas Gerais até a chegada da corte de dom João ao Brasil. Rio de Janeiro: Globo Editora, 2021.

GOMES, Laurentino. **Escravidão:** Da independência do Brasil. Rio de Janeiro: Globo Editora, vol. 3, 2022.

GOMES, Laurentino. **Escravidão:** Do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi. Rio de Janeiro: Globo Editora, vol. 1, 2019.

GONZALEZ, Lélia. **Lugar de Negro.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982. Disponível em: https://memoriafeminista.com.br/wp-content/uploads/tainacan-items/750/1571/BR-RJ-REDEH.NM_.LG_.DA_.03.12.pdf Acesso em: 23 de jun. de 2025.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura:** notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: Educação & Realidade, jul./dez. 1997. p. 15-46.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MORGADO, Margarida; PIRES, Maria Natividade. **Educação intercultural e literatura infantil:** vivemos num mundo sem esconderijos. Lisboa: Edições Colibri, 2010.

MUNANGA, Kabengele. Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso? **Revista da ABPN**, v. 4, n. 8, jul.-out. 2012. p. 6-14. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/246>. Acesso em: 23 de jun. de 2025.

MUNANGA, Kabengele. O mundo e a diversidade: questões em debate. **Estudos Avançados**, v. 36, n. 105, 2022. DOI: 10.1590/s0103-4014.2022.36105.008.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoliceno; DIAS, Alder Sousa. Ética da Libertação de Enrique Dussel: caminho de superação do irracionalismo moderno e da exclusão social. **Conjectura: filosofia e educação**, v. 17, n. 3, p. 90-106, set./dez. 2012. Disponível em: <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/1798/1129>.

RODRIGUES, William Costa et al. **Metodologia científica.** Paracambi: Faetec/IST, v. 2, 2007. Disponível em: <https://encurtador.com.br/Huu3F>. Acesso em: 25 de jun. de 2025.

SANTOS, Silmara. Artefatos culturais e letramento: pedagogias que (des)constroem sentidos. **Revista Catavento**, nº 1, 2022. Disponível em: <https://www.unifeg.edu.br/revista-catavento/docs/ed-01-2022/ARTEFATOS-CULTURAIS-E-O-LETRAMENTO-SILMARA.pdf>.

SOBRINHO, Rosivaldo Gomes de. **Nossas lembranças.** 1. ed. Paraná: Viseu, 2023.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **2º Relatório Mundial da Unesco:** investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural. Paris: UNESCO, 2009. Disponível em: www.unesco.org/en/world-reports/cultural-diversity.

VIECILI, Raquel Biscayno; DE SOUZA VIEIRA, Marcílio. Samba: da margem social à identidade nacional. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, v. 21, n. 46, p. 92-105, 2023.

RECEBIDO EM: 14 de outubro de 2025
 APROVADO EM: 10 de dezembro de 2025
 Publicado em dezembro de 2025